

política

vai além de pedido por voto, alerta MPE

Perfil



FOTOS: SECOM/DIVULGAÇÃO/JC

Claudio Dutra Fontella é natural de São Borja e formado em Direito pela Pucrs. Foi secretário e assessor de juiz na 2ª Vara Criminal da Justiça Federal no RS, em Porto Alegre, antes de ser aprovado em concurso para procurador da República, em 1995. Começou a carreira do Ministério Público Federal (MPF) no ano seguinte, na Procuradoria da República no Município de Chapecó (SC), onde permaneceu até ser removido para a Procuradoria da República em Santa Catarina, em Florianópolis. Foi procurador-chefe

substituto da unidade no biênio 2010-2012 e procurador regional eleitoral daquele estado. Promovido a procurador regional da República no final de 2011, foi lotado na Procuradoria Regional da República da 4ª Região. Foi membro do Núcleo de Apoio Operacional à Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão na 4ª Região entre 2014 e 2023 e procurador regional eleitoral auxiliar nas eleições gerais de 2014, 2018 e 2022. É o procurador regional eleitoral do Rio Grande do Sul desde 2023.

em um comício, por exemplo, alterar os fatos para que aquilo tenha repercussão política (é vedado). Está bem claro na resolução. E nas eleições passadas, que já era preocupação, não ocorreram de forma significativa. Até foi insignificante. Agora são outras proporções, são os candidatos mais estruturados, é outra eleição. São candidatos com envergadura tanto financeira quanto de assessoria. Por um lado, as assessorias marcam bem o que devem fazer.

JC - Acredita que esta resolução do TSE é suficiente, ou ainda falta um arcabouço legal mais robusto sobre IA em campanhas?

Fontella - Eu acho que está definido o suficiente, mas sempre que uma regra não estiver suficiente, a gente dá dois passos para trás. O que é dar dois passos para trás no Direito? É buscar os princípios. E o que o princípio do uso da Inteligência Artificial nos diz? É não usar algo que burle a verdade para tirar

vantagem. Então existem duas coisas: burlar a verdade, e ao burlar a verdade trazer vantagem em relação ao meu opositor. Se não está na resolução, vamos nesse princípio e vamos chegar a um denominador. Se está levando vantagem, está sendo, vamos dizer, ilegal, malandro ao ponto de burlar a verdade, enganar o eleitor a ponto de tirar vantagem.

JC - E como estão trabalhando o combate à desinformação?

Fontella - Criar um fato e repassar é mais ou menos a questão da moeda falsa - cria a moeda e a moeda depois vai circular. A questão é da criação. Agora, tem muitas coisas que ocorrem em que a notícia vem a ser considerada falsa, ou não verdadeira, melhor dizendo. Então, vamos supor uma notícia que é veiculada em um jornal de grande circulação, e, depois, ela porventura vem ser desmentida, mas a pessoa pegou aquela notícia e repassou em vários grupos. Eu não considero que aquilo ali

seria repassar fake news. Circulou no jornal e eu repassei, aí depois vem o jornal e diz: 'não, me enganai'. Sim, se enganou, mas aquilo não era uma notícia falsa. Não foi criada. Agora ocorreu que várias autoridades vieram e disseram assim: não vai acontecer enchente, não vai encher, está tudo certinho, não vai chover. Aí eu pego uma notícia dessas e passo em um grupo do WhatsApp. No fim, acabaram vindo uns das mesmas pessoas, outros meteorologistas, dizendo mentira. E o mesmo jornal que vinculou A, vinculou B. E aí? isso não é fake news. É uma notícia equivocada. Nem toda notícia errônea, errada, é fake. E aí, repassá-la, não seria também. Então, pra ser fake, tem que ser uma notícia criada. Tem que ser uma notícia criada.

JC - Tem que ter a intenção de desinformar...

Fontella - A intenção de desinformar. A questão de desinformar ou informar errado

- uma meia-verdade, uma verdade distorcida.

JC - E como estão estruturados na fiscalização?

Fontella - Nós temos uma equipe, e o Ministério Público não consegue ser onipresente, por mais que as promotorias estejam lá no Interior olhando, sejam os olhos da gente. Nós contamos muito com a representação, e aí é uma coisa que a polarização até nos ajuda. Então, o A fica observando o B, e o B fica observando o A. O A fez errado, vou lá e represento. Considerável parte das nossas ações - ações no sentido geral, não ações só processuais -, do nosso agir, vem do que nos é trazido por cidadãos despretensiosos, vamos dizer, sem vínculo político-partidário, ou por partidos opositores, coligações adversárias.

JC - Estão promovendo alguma campanha de combate à desinformação?

Fontella - A gente faz junto com o Tribunal (Regional Eleitoral), e o Tribunal está fazendo uma série de eventos, está visitando todo o Interior, a presidente e o vice-presidente, que é o corregedor regional eleitoral. Visitaram Passo Fundo, visitaram as Missões, visitaram Uruguaiana, visitaram Bagé para levar informação, para ver o que está precisando. No dia 26 de agosto, a gente tem uma reunião com os principais órgãos da segurança pública em geral, para tratar da segurança. É uma reunião fechada, com convite nominal, para tratar da questão da segurança da votação, segurança da população e segurança do eleitor em si no dia de votar, no processo eleitoral.

JC - Neste ano, ainda estão ocorrendo algumas contestações sobre a credibilidade das urnas eletrônicas, apesar de estarem em menor proporção quando se compara 2026 com 2022. Isso preocupa?

Fontella - É, em 2022, 2018, foi muito falada a questão das urnas eletrônicas. Agora, se estarão comemorando os 30 anos de urna eletrônica no RS. Então, vai haver uma série de eventos de reafirmação da urna. Já há aquela questão de chamar a 'votação paralela', que agora chama-se 'teste de integridade'. Vai ser todo um processo de se reafirmar a fidedignidade da urna.

JC - Que diferenças nota entre as eleições deste ano e de 2022?

Fontella - O que a gente nota é o que é visto por todos, e é a polarização. Então, o que não é vermelho é azul, - não existe o rosa, o verde-mar. É vermelho ou é azul, usando

as cores dos times (da dupla Gr-Nal). Se tu não está do meu lado, está do outro, e as coisas não são bem assim, né? Tem muitos candidatos que estão mostrando uma postura mais ponderada, e eu estou vendo que estão ganhando a simpatia - pelas pesquisas informais, pelas pesquisas que estão saindo - por não estarem de nenhum lado, não estarem jogando pedra nem sendo vidraça. A polarização é uma coisa que preocupa, porque as pessoas saem do âmbito do debate de melhorias, os debates sociais e passam à agressão mútua. E aí começa direito de resposta, 'aquilo foi agressão'; foi no limite do político, foi no limite da crítica ou já virou agressão? Isso é uma das coisas que acaba batendo no Judiciário.

JC - O Tribunal Superior Eleitoral firmou um acordo com big techs. Como isso pode auxiliar no controle da desinformação?

Fontella - Para chegar mais rápido aos dados de quem postou, de quem não postou, o alcance que foi. Porque só através do próprio provedor, vamos botar assim - eu não sou dessa área -, é que você consegue ver o efetivo alcance de determinadas coisas. Se eu posto na minha rede social, e tem meia dúzia de seguidores, ninguém repostou, tem um alcance. Agora, se um determinado político olha lá e vê que aquilo é bom para ele, repostou no dele, então isso aí a gente só vai ficar sabendo o alcance se for informado por quem está por trás, quem está, não sei como se diz, o mantenedor, o hospedeiro, vamos dizer assim.

JC - A questão das previsões de temporais em decorrência do El Niño preocupa para as eleições deste ano no Estado?

Fontella - Em 2024 houve cidades que nenhuma sessão eleitoral ficou no mesmo lugar, no Vale do Taquari. Nem o cartório, nem a sessão. Houve pessoas que perderam os documentos, então com isso ocorreu uma abstenção muito grande. Quando dá essa questão climática a Justiça Eleitoral como um todo, os operadores do Direito Eleitoral, ficam preocupados porque é algo extremamente exógeno a vir e influir no pleito. A gente está olhando as notícias, e está todo mundo otimista. Essa é a verdade. Acompanho todas as manhãs, acordo cedo, e está todo mundo otimista. De vez em quando eles dizem: 'olha, já subiu, está em estado de alerta, estado de alarme, já está a não sei em quantos metros está a cota'. Então, a gente mantém o otimismo.